

O Kālacakra Mūla Tantra Perdido Sobre Os Reis de Śambhala

Por David Reigle

Embora o *Kālacakra Mūla Tantra*, ou Tantra Raiz Kālacakra, esteja perdido para nós, ele foi extensamente comentado no grande comentário ao Kālacakra, intitulado *Vimalaprabhā*. Uma das citações seria a fonte original sobre os sete e vinte e cinco Reis de Śambhala, cujos nomes foram muito mencionados em escritos tibetanos. A importância de tal citação para estabelecer os verdadeiros nomes em sânscrito dos Reis de Śambhala dispensa comentários¹. O *Vimalaprabhā*, entretanto, ainda não foi completamente editado ou publicado no original em sânscrito e o nosso acesso a este texto se limita a um pequeno número de manuscritos.

Antes de procedermos à citação do verso 21 ½ do Mūla Tantra sobre os Reis de Śambhala, editado a partir de oito manuscritos, cabe revisar brevemente algumas informações já sabidas.

De acordo com a literatura, os ensinamentos Kālacakra foram solicitados a Gautama Buddha pelo Rei Sucandra de Śambhala, que viajou milagrosamente para a grande Stūpa de Dhānyakaṭaka no sul da Índia para receber tais ensinamentos. A transmissão ocorreu dentro da Stūpa, cujo interior, para este propósito, fora transformado no Dharmadhātu, ou Esfera da Realidade Primordial. Após retornar a Śambhala, o Rei Sucandra escreveu tais ensinamentos em 12.0000 ślokas. Este texto, atualmente perdido, se tornou conhecido como o Kālacakra Mūla Tantra. Como pode ser visto nas citações, o seu nome próprio é *Paramādibuddha*, o “Supremo Ādibuddha”. O Rei Sucandra escreveu um comentário sobre isto em 60.000 versos, atualmente perdido.

Seiscentos anos depois, o sétimo Rei após Sucandra, chamado de Yaśas, ascendeu ao trono de Śambhala. Ele preparou uma versão condensada do Mūla Tantra, que ensinou aos Brahma-Rishis de Śambhala. A fim de distingui-lo do Mūla, ou Tantra Raiz, esta versão condensada é chamada de Laghu, ou Kālacakra Abreviado, consistindo de pouco mais de 1.000 versos. Por transmitir tais ensinamentos que unificaram as quatro castas de Śambhala numa única casta Vajra, Yaśas se tornou conhecido como “Kalkī”, traduzido pelos tibetanos como o

¹ Numa perspectiva teosófica, considera-se que nomes abrangentes como esses são compostos de logogramas. Ver *The Secret Doctrine (A Doutrina Secreta)*, por H.P. Blavatsky, Londres:1888, vol. 2, p. 335.

“Detentor da Casta” (Rigs-Idan, pronuncia-se Rigden). Este título continuou a ser dado a seus sucessores ao trono de Śambhala.

Seu sucessor imediato, o Rei Kalkī chamado de Puṇḍarīka, escreveu um comentário ao Laghu Kālacakra Tantra, intitulado *Vimalaprabhā*, “A Luz Imaculada”. Este texto, como observado acima, inclui as citações do Mūla Tantra em suas explicações sobre o Laghu Tantra. Tanto o Laghu Kālacakra Tantra, quanto o *Vimalaprabhā* foram trazidos de Śambhala para a Índia em torno do ano de 967 d.c. e da Índia para o Tibete sessenta anos depois, em 1027 d.c. Ambos ainda existem no original em sânscrito e em traduções tibetanas. Então, quando se fala do Kālacakra Tantra e seu comentário, geralmente se refere a essas versões mais curtas.

O Mantrayāna ou Vajrayāna em geral, e em particular, o sistema Kālacakra, é considerada por pesquisadores modernos como um acréscimo posterior ao Budismo. Como visto, os ensinamentos Kālacakra somente aparecem pela primeira vez na Índia muitos séculos depois do tempo de Gautama Buddha. Claro, embora os textos Kālacakra que temos possam ter sido redigidos no século X de nossa era, isso não significa que os ensinamentos contidos neles sejam originários da mesma data. Vimos anteriormente que a tradição localiza tais ensinamentos para o tempo de Gautama Buddha. Mas esta tradição vai ainda mais além.

Numa passagem significativa do Kālacakra Mūla Tantra, que até hoje não recebeu muita atenção de pesquisadores, esses ensinamentos são traçados de volta ao período do Buddha anterior a Gautama, Dīpaṅkara. Encontra-se dentre os versos 58 ½ do Mūla Tantra, citados no *Sekoddeśaṭīkā*, um comentário de Nāropa sobre o que se diz ser uma seção do próprio Mūla Tantra, o *Sekoddeśa*. Uma edição em sânscrito do *Sekoddeśaṭīkā*, baseada num manuscrito feito numa única folha de palmeira e na comparação com uma tradução tibetana, foi publicada em 1941, embora ainda não tenha sido traduzida para o inglês. A passagem em questão consiste em dois ślokas que são parte da citação mais longa do Mūla Tantra abordada aqui:

दीपङ्करेण या पूर्वं मन्त्रयानस्य देशना ।
कृतास्माकं तु कर्तव्या गौतमेनाद्यसाधुना ॥
अथातः शम्भलाख्यातो वज्रपाणिनिर्मितः ।
सुचन्द्रनृप आयातः स्वद्धर्चा श्रीधर्मधातुकम् ॥

“O ensinamento do Mantrayāna que foi anteriormente concedido a nós por Dīpaṅkara é agora transmitido pelo virtuoso Gautama. Portanto, do local chamado Śambhala, uma emanção de Vajrapāṇi, Rei Sucandra, veio por meio de seus poderes mágicos para Dharmadhātu.”

A tradição budista, portanto, atribui uma grande antiguidade aos ensinamentos Kālacakra.

Como Gautama é o Buddha de nossa era, é ele quem é representado concedendo ensinamentos ao Rei Sucandra, um Nirmāṅakāya do Mestre dos Segredos, Vajrapāṇi. Sendo este o caso, qualquer evento após o tempo de Gautama Buddha mencionado no Kālacakra Tantra é necessariamente colocado na forma de profecia. Uma dessas profecias diz respeito aos Reis de Śambhala que reinarão sucessivamente após Sucandra.

Seis Reis sucedem Sucandra, totalizando sete Dharmarājas, enquanto a linhagem de vinte e cinco Kalkī Reis se inicia com Yaśas. Cada um desses sete e vinte e cinco Reis governa por exatamente cem anos. Como Helmut Hoffman observa, “a forma como essa história é organizada mostra de forma clara que por trás da formalidade desses personagens, deve haver algum tipo de simbolismo astrológico, que ainda não estamos em posição de decifrar.”

Já em 1914, um texto tibetano incluindo esta lista de Reis, o *Śambhala’i Lam-yig* do Terceiro Paṅchen Lama, foi traduzido para o alemão por Albert Grünwedel como *Der Weg nach Śambhala*. Ao invés de manter os nomes dos Reis em tibetano, Grünwedel tentou reconstruir os originais em sânscrito em sua tradução.

Em 1949, Giuseppe Tucci traduziu para o inglês um trecho do *Dus ‘khor chos ‘bhyum rgyud sde’i zab Don sgo ‘byed rin chen gces pa’i lde mig* de Buston², incluindo a lista de Reis e publicando-a em sua obra monumental, *Tibetan Painted Scrolls*. Ele deixou os nomes em tibetano. Esse trecho foi citado sem alterações no prefácio em inglês da edição do Laghu Kālacakra Tantra em sânscrito-tibetano-mongol de Lokesh Chandra, em 1966.

Cabe observar que Grünwedel dividiu erroneamente em dois o nome do vigésimo quarto Rei Kalkī, citado no texto do Paṅchen Lama, mTha’-yas-rnam-rgyal: Ananta (mTha’-yas) e Vijaya (rNam-rgyal). Tucci erroneamente combinou os nomes de vários Reis do texto de Buston e também dividiu erroneamente o nome do vigésimo quarto Kalkī, assim como

² N.T (Nota do Tradutor brasileiro): Dentro da perspectiva teosófica, nem todas as escolas do budismo tibetano podem ser consideradas idôneas; tal perspectiva encontra respaldo histórico na organização do cânone por Butön/Buston Rinchen Drup (1290-1364), que estabelece como autênticos apenas os tantras do período das novas traduções (*sarma*) em diante (a que se vinculam as escolas Kadampa, Sakya, Jonang, Zhalu e Gelugpa). Ver: *The Blue Annals*, traduzido por Roerich, Motilal, 2007, p.102 e *Butön’s History of Buddhism in India and its spread to Tibet*, Boston: Snow Lion, 2013.

Grünwedel fizera. Esses erros decorrem do fato de que é frequentemente impossível distinguir onde um nome termina e outro começa na escrita tibetana.

Fica claro, entretanto, que o Terceiro Pañchen Lama e Buston estão de acordo entre si e com as muitas fontes tibetanas disponíveis atualmente³, que a lista de Reis de Śambhala na tradição tibetana deve ser lida da seguinte forma:

Os Sete Dharma-rājas (Chos-rgyal) de acordo com a Tradição Tibetana⁴

1. Zla-ba (-bzañ-po)
2. Lha-dbañ
3. gZi-brjid-can
4. Zla-bas-byin
5. Lha-dbañ-phyug
6. sNa-tshogs-gzugs
7. Lha-dbañ-ldan

Os Vinte e Cinco Kalkīs (Rigs-ldan) de acordo com a tradição tibetana

1. Grags-pa
2. Padma-dkar
3. bZañ-po
4. rNam-rgyal
5. bŚes-gñen-bzañ-po
6. Phyag-dmar
7. Khyab-'jug-sbas-pa
8. Ńi-ma-grags
9. Śin-tu-bzañ
10. rGya-mtsho-rnam-rgyal
11. rGyal-dka'
12. Ńi-ma
13. sNa-tshogs-gzugs
14. Zla-ba'i-'od
15. mTha'-yas
16. Sa-skyoñ
17. dPal-skyoñ
18. Señ-ge
19. rNam-par-gnon
20. sTobs-po-che
21. Ma-'gag(s)-pa
22. Mi-yi-señ-ge

2. Por exemplo: [...] trabalhos de Lobsang Thubten Chökyi Nyima (VI Pañchen Lama), dentre outros. [...]

⁴ Como fornecido no *Vimalaprabhā*, encontrado em *The Tibetan Tripitaka*, Peking Edition, vol. 46, Tokyo-Kyoto: 1958, p.131, fólio 5; e encontrado em *The Collected works of Bus-ton, Part 1*, Nova Déli: 1965, fólio 352, verso 5, fólio 353, verso 4.

23. dBañ-phyug-che
24. mTha'-yas-rnam-rgyal
25. Drag-po

A maior parte das informações desta natureza encontradas na tradição tibetana deriva, em última instância, de uma fonte indiana, isto é, um texto original em sânscrito que foi traduzido para o tibetano para fazer parte do Cânone, o Kangyur e o Tengyur. Portanto, a comparação de qualquer tipo de escritos tibetanos posteriores para averiguar tal informação é supérflua, visto que a fonte canônica pode ser traçada.

Ao contrário de outros Sūtras e Tantras, que podem ter uma grande quantidade de comentários escritos por mestres indianos e encontrados no Cânone, o tantra Kālacakra tem apenas um, o *Vimalaprabhā*. Isso ocorre porque a autoria não é atribuída a um mestre indiano, mas a um Rei de Śambhala, Puṇḍarīka, uma emanção de Avalokiteśvara. Pois quem ousaria escrever outro comentário em face deste fato? (Claro, muitos trabalhos exegéticos menores sobre o Kālacakra foram escritos por mestres indianos, cerca de cinquenta destes foram traduzidos para o tibetano e podem ser encontrados no Cânone). O *Vimalaprabhā*, então, é a maior fonte de informações sobre o Kālacakra e Śambhala, do qual praticamente todos os escritos tibetanos posteriores sobre o assunto tiraram informações, direta ou indiretamente.

Como vimos anteriormente, Puṇḍarīka teve acesso ao Kālacakra Mūla Tantra e o citou no *Vimalaprabhā*, o qual foi traduzido para o tibetano cerca de mil anos atrás. Os escritores tibetanos, que obviamente não tiveram acesso ao Mūla Tantra mencionaram essas citações, simplesmente as indicando como sendo parte do Mūla Tantra, sem referência ao *Vimalaprabhā*. Os escritores tibetanos posteriores mencionaram essas citações a partir de escritos tibetanos anteriores e, novamente, indicando apenas que tais passagens seriam do Mūla Tantra. Alguns desses escritos posteriores em tibetano foram, por sua vez, citados ou publicados por completo por europeus. Portanto 11 ½ dos 21 ½ versos do Mūla Tantra abordados neste artigo foram publicados em tibetano e traduzidos para o alemão ou para o inglês⁵, mas sem conhecimento de que a fonte das citações do Mūla Tantra era, de fato, o *Vimalaprabhā*.

⁵ *Der Weg nach Śambhala*, por Albert Grünwedel, pp. 74-75, contém nossos versos enumerados 1-2, 11-19 e metade do 20; *A Grammar of the Tibetan Language*, in English, por Alexander Csoma de Körös, Calcutá: 1834, p.193, contém nossos versos 1-2.

A relevância de saber que a sua fonte é o *Vimalaprabhā*, claro, se deve ao fato de que este é um texto disponível no original em sânscrito, embora na forma de manuscrito. Brian Hodgson tornou conhecida em 1828 a existência dos manuscritos em sânscrito das escrituras budistas no Nepal. Esta descoberta revolucionou os estudos budistas. Graças aos seus esforços, muitos dos textos budistas mais importantes se tornaram disponíveis no seu original em sânscrito. Porém, não foi até 1970 que outras centenas de textos sânscritos, dados como perdidos, foram microfilmados no Nepal pelo *Institute for Advanced Studies of World Religions* e pelo Projeto de Preservação de manuscritos firmado entre Nepal e Alemanha, tornando-os disponíveis.

Os manuscritos em folha de palmeira do *Vimalaprabhā* foram descritos no catálogo de manuscritos budistas em sânscrito de Hara Prasad Shāstri de 1917, mantido pela Asiatic Society de Bengala. Um desses manuscritos na antiga escrita Newārī está incompleto, indo somente até o verso 31 do primeiro capítulo. O outro na antiga escrita Bengālī está completo, exceto por cinco fólios perdidos, e inclui o fim do primeiro capítulo e todo o quinto e último capítulo, os quais estão perdidos em manuscritos posteriores. Este manuscrito data de cerca de 1100 d.c, próximo do período em que o *Vimalaprabhā* foi traduzido para o tibetano.

Outros seis manuscritos em sânscrito do *Vimalaprabhā* tornaram-se disponíveis no Nepal na década de 1970, como descrito acima. Dois desses manuscritos estão em folha de palmeira e na antiga escrita Newārī e quatro estão em papel, três na escrita Devanāgarī e um na escrita Newārī moderna. Ambos os manuscritos em folhas de palma estão incompletos no final, não tendo cólofons para datá-los. As traduções tibetanas feitas cerca de um milênio atrás normalmente representam as leituras mais antigas de um texto e têm um valor fundamental em sua edição. Neste caso, entretanto, temos um manuscrito em folha de palma em sânscrito do mesmo período que as traduções tibetanas e três outras de séculos posteriores.

A citação no verso 21 ½ do Mūla Tantra sobre os Reis de Śambhala é encontrada na seção introdutória do *Vimalaprabhā*, antes do início do verso de comentários. Portanto, encontra-se em todos os quatro manuscritos em folha de palmeira, aqui designados de A-D, assim como nos quatro manuscritos em papel, aqui designados de E-H. A citação está aqui editada a partir desses oito manuscritos e em comparação com as três edições tibetanas, a tradução canônica nas xilografias de Pequim e Der-ge e a revisão de Buston sobre os mesmos. Arbitrariamente enumerei os ślokas de 1 a 21 para facilitar as referências.

आद्याब्दात् षट्शतैर्वर्षैः सम्भलाख्ये भविष्यति ।
 ऋषीणां पाचनार्थाय मञ्जुघोषो यशोनृपः ॥ १ ॥
 अस्य तारामहादेवीपुत्रो लोकेश्वरो ऽब्जधृक् ।
 सुचन्द्र तव वंशो मे शाक्यवंशसमुद्भवे ॥ २ ॥
 वाग्मी वज्रकुले येन तेन वज्रकुली यशः ।
 चतुर्वर्णैककल्केन कल्की ब्रह्मकुलेन न ॥ ३ ॥
 एवं मया श्रुतानेन ऋषीणां धर्मदेशना ।
 परश्रुतान्न सर्वज्ञ इति वादो भविष्यति ॥ ४ ॥
 येन येन प्रकारेण सत्त्वानां परिपाचनं ।
 तेन तेन प्रकारेण कुर्याद्धर्मस्य देशनां ॥ ५ ॥
 योगी शब्दापशब्देन धर्मं गृह्णाति यत्नतः ।
 देशशब्देन लब्धे ऽर्थे शास्त्रशब्देन तत्र किं ॥ ६ ॥
 यथा रत्नस्य मेदिन्यां नामभेदः पृथक् पृथक् ।
 देशदेशवशात् प्रोक्तो रत्नभेदो न च क्वचित् ॥ ७ ॥
 एवं मे शुद्धधर्मस्य नाना संगीतिकारकैः ।
 सत्त्वाशयवशात् प्रोक्ता नाना संज्ञा पृथक् पृथक् ॥ ८ ॥
 तेनेदं लघुसाराथं सर्वज्ञेत्यादि मे मतं ।
 श्रीतन्त्रं स्रग्धरावृत्तैस्त्रिंशच्चाधिकदिक्शतैः ॥ ९ ॥
 पटलैः पञ्चभिः पूर्णं वादिराट् देशयिष्यति ।
 संगीतिकारकश्चायं टीकाकारः सिताब्जधृक् ॥ १० ॥
 तन्त्रे ऽस्मिन् ऋषिकुलादीनां बुद्धमार्गप्रकाशकः ।
 चन्द्रः सुरेश्वरस्तेजी सोमदत्तः सुरेश्वरः ॥ ११ ॥
 विश्वमूर्तिः सुरेशानो यशः पुण्डरीकः क्रमात् ।
 सूर्यप्रभो गतो राजा विघ्नशत्रुः सनिर्मितः ॥ १२ ॥
 वज्रपाणिः सुचन्द्रस्त्वं क्षितिगर्भो यमान्तकः ।
 सर्वनिवरणविष्कम्भी जम्भको मानकः क्रमात् ॥ १३ ॥

खगर्भो मञ्जुघोषश्च लोकनाथो यथाक्रमात् ।
 यमार्यादिदशक्रोधा बोधिसत्त्वास्तदन्तरे ॥ १४ ॥
 कल्किगोत्रे भविष्यन्ति त्रयोदशान्ये क्रमेण ते ।
 यशःकल्की च गोत्रं च कल्की पुण्डरीकस्ततः ॥ १५ ॥
 भद्रकल्की तृतीयश्च चतुर्थो विजयस्तथा ।
 सुमित्रो रक्तपाणिश्च विष्णुगुप्तश्च सप्तमः ॥ १६ ॥
 अर्ककीर्तिः सुभद्रश्च समुद्रविजयो ऽजः ।
 कल्की द्वादशमः सूर्यो विश्वरूपः शशिप्रभः ॥ १७ ॥
 अनन्तश्च महीपालः श्रीपालो हरिविक्रमः ।
 महाबलो ऽनिरुद्धश्च नरसिंहो महेश्वरः ॥ १८ ॥
 अनन्तविजयः कल्की यशःकल्की ततः पुनः ।
 महाबलो ऽनिरुद्धश्च नरसिंहो महेश्वरः ॥ १८ ॥
 अनन्तविजयः कल्की यशःकल्की ततः पुनः ।
 तस्य पुत्रो महाचक्री रौद्रकल्की भविष्यति ॥ १९ ॥
 म्लेच्छधर्मान्तकृद्वाग्मी परमाश्वसमाधिना ।
 येन सूर्यरथादीनां वाग्मी शास्ता भविष्यति ॥ २० ॥
 सुचन्द्र मूलतन्त्रे त्वं तेन संगीतिकारकः ।
 टीकाकारस्त्वमेवात्र सत्त्वानां परिपाचकः ॥ २१ ॥
 लघुतन्त्रे मञ्जुवज्रश्च टीकाकारो ऽब्जधृक् स्वयम् ।

O primeiro ponto a se observar nesta citação é que, apesar de seguir uma métrica, os nomes dos Reis de Śambhala foram todos declinados individualmente; isto é, nenhum deles é encontrado não declinado num composto dvandva (duplo ou conjuntivo). Entretanto, quando chegamos ao décimo oitavo e, de acordo com o texto tibetano, décimo nono Kalkīs no verso que designamos como 18a, temos um único nome, “Harivikramah”. A fim de dividir entre os dois Kalkīs Señ-ge (Hari) e rNam-par-gnon (Vikrama) da tradição tibetana, deveríamos ler “Harir-vikramah”, em que o primeiro nome seria declinado assim como o segundo. Mas nenhum dos manuscritos atesta tal leitura; pelo contrário, eles são unânimes em fornecer a primeira [“Harivikramah”].

Portanto, não é possível entender isso como um composto dvandva, pois, além do fato de nenhum dos outros nomes em toda a citação estarem em compostos dvandva, teríamos uma anomalia de declinação incorreta: está declinado no masculino singular. Lembremos que dos dois tipos de dvandva, o itaretara dvandva adota o gênero do seu membro final e o seu número deve ser duplo ou plural de acordo com a quantidade de objetos mencionados ou referenciados, enquanto que o samāhāra dvandva, por convenção, sempre adota o gênero neutro e o singular, pois exprime por meio de duas ou mais palavras uma única ideia. Um composto listando dois nomes teria de, necessariamente, ser um itaretara dvandva e exigiria a declinação dupla, não no singular como visto neste caso. Mesmo se considerássemos a possibilidade de um samāhāra dvandva aqui, o que seria um absurdo, a declinação singular teria de ser neutra ao invés de masculina. Atribuir tais anomalias excessivas ao sânscrito híbrido budista em face de declinações perfeitamente regulares para o resto dos nomes na citação seria demasiado irrealista.

Sabemos que deve haver vinte e cinco Kalkīs nesta lista; não pode faltar um único sequer. Também sabemos que a tradição tibetana tem as vantagens de uma transmissão oral direta do texto e da proximidade temporal, não podendo ser menosprezada. Apesar disso, como a história mostra repetidamente, nenhuma tradição é infalível. Vale notar que da tradução tibetana deste verso, “dpal skyoñ señ ge rnam par gnon”, não há como dizer onde os nomes se dividem. Não há nada aqui que indique como os tradutores deste texto entendiam esses nomes. A sua divisão foi estabelecida por meio de outras formas e, possivelmente, num período posterior.

Entretanto, o dilema do Rei perdido está resolvido pela leitura mais adiante, pois o verso 19a dificilmente pode ser entendido de outra forma senão “Anantavijaya Kalkī, Yaśas Kalkī novamente,” colocando Yaśas entre o vigésimo quarto e o vigésimo quinto Kalkīs da lista tibetana, mtha'-yas-rnam-rgyal e Drag-po. De fato, Buston em sua edição anotada do *Vimalaprabhā*, cuidadosamente observa que no próximo verso, 19b, “seu filho será o Grande Cakrī Raudra Kalkī”, o “seu” se refere a mTha'-yas-rnam-rgyal ao invés de Yaśas. Provavelmente foi difícil aceitar o mesmo nome duas vezes na lista, visto que Yaśas é, obviamente, o nome do primeiro Kalkī. Entretanto, dentre os sete Dharmarājas, Sureśvara é o nome do segundo e o também o nome do quinto, ambos mencionados no verso 11b. Não há leituras variantes. O texto tibetano obscurece a identidade dos nomes ao traduzir o segundo como Lha-dbañ e o quinto como Lha-dbañ-phyug.

Baseando-nos nesta evidência unânime do manuscrito em sânscrito, e até que as primeiras tradições tibetanas a estudar o Kālacakra sejam pesquisadas mais a fundo, temos de listar Harivikrama (Señ-ge-rnam-par-gnon) como o décimo oitavo Kalkī, eliminando, portanto, o décimo nono Kalkī da lista tibetana (rNam-par-gnon) como um Rei separado e restaurando Yaśas como o vigésimo quarto Kalkī entre mTha'-yas-rnam-rgyal e Drag-po da lista tibetana. As implicações disto são vastas, pois, não apenas uma tradição tibetana de mil anos representando Reis em pinturas, escritos e cálculos cronológicos etc requer ajustes, como também os estudos comparativos sobre o relacionamento entre a tradição budista de Śambhala e a tradição hindu de Kalkī Avatāra de Viṣṇu ganham novas informações importantes.

Em aproximadamente metade dos Purāṇa hindus e fontes épicas sobre o Kalkī Avatāra de Viṣṇu, ele é mencionado como sendo o filho de Viṣṇu-Yaśas. Trata-se, claro, do vigésimo quinto Kalkī da tradição budista, Raudra, que desempenha o mesmo papel do Kalkī Avatāra de Viṣṇu: cavalga para fora de Śambhala com um grande exército a fim de destruir os perversos no fim da Era das Trevas (Kali-Yuga) e reestabelecer o Dharma. Esses achados, então, fariam de Raudra filho de Yaśas na tradição budista também.

Cada um dos Reis de Śambhala é uma emanção de um Bodhisattva em particular ou de um Kroddharāja (“Rei Irado” – um Protetor). Dez estão nomeados nos versos 12b-14a da citação do Mūla Tantra, indicando quais Reis são as suas emanções. Estes dez são: Vighnaśatru, Vajrapāṇi, Kṣitigarbha, Yamāntaka, Sarvanivaraṇaviṣkambhī, Jambhaka, Mānaka, Khagarbha, Mañjuḥṣa e Lokanātha. Yaśas, como o primeiro Kalkī é uma emanção de Mañjuḥṣa, ou Mañjuśrī e é frequentemente referido como Mañjuśrī-Yaśas, muitas vezes erroneamente sanscritizado como Mañjuśrī-Kīrti. Observe a similaridade entre Mañjuśrī-Yaśas na tradição budista e Viṣṇu-Yaśas na tradição hindu.

Na outra metade do Purāṇa hindu e em fontes épicas sobre o Kalkī Avatāra de Viṣṇu, ele é mencionado como sendo o próprio Viṣṇu-Yaśas. A tradição tibetana aparentemente não conta Yaśas numa segunda vez nesta lista dos Reis de Śambhala porque Raudra é considerado uma reencarnação de Yaśas, isto é, Mañjuśrī. Portanto, a ocorrência do nome Yaśas imediatamente precedendo a Raudra na lista é explicada por esta tradição: Raudra é aqui considerado como o próprio Mañjuśrī-Yaśas, renascido.

A dupla tradição hindu, então, do Kalkī Avatāra de Viṣṇu, em que se trata ou do filho de Viṣṇu-Yaśas, ou o próprio Viṣṇu-Yaśas, pode ser comparada à tradição budista e Kalkī Raudra, que ou é o filho de Yaśas e uma emanção de Mañjuśrī ou o próprio Mañjuśrī-Yaśas. Em ambos os casos, o Kalkī Raudra budista é uma emanção de Mañjuśrī, assim como o Kalkī hindu é uma encarnação de Viṣṇu.

Há nos Purānas, em conexão com as profecias sobre Kali-Yuga e Kalkī Avatāra, cálculos utilizando o ciclo da Ursa Maior, ou o Grande Carro. A Ursa Maior, ou, os Sete Rishis (Saptarṣi) em sânscrito, dão uma volta em torno dos vinte e sete asterismos (nakṣatra-s), permanecendo em cada um deles por cem anos. Cada asterismo tem 13°20' de extensão. Este ciclo é considerado mitológico, visto que astronomicamente, as estrelas fixas não realizam tal movimento. Podem, no máximo, ter um movimento considerado em relação à precessão dos equinócios, de aproximadamente um grau em setenta e dois anos. Este ciclo incomum é contundentemente uma reminiscência dos reinados de cem anos dos sete Dharmarājas e vinte e cinco Kalkīs de Śambhala.

Antes de procedermos para a lista desses Reis, ainda permanece a questão do décimo primeiro Kalkī. Da tradução tibetana, rGyal-dka', obteríamos Ajaya, O "Não-Conquistado". Entretanto, em todos os oito manuscritos, lê-se Aja, O "Não-Nascido", para o qual, em tibetano, teríamos de ter algo como "Ma-skyes-pa". A métrica é problemática nesta parte e falta uma sílaba, estabelecendo as condições perfeitas para restaurar Ajaya. Mas, como pode ser observado na citação inteira, a métrica é geralmente imperfeita e está claro que o autor não se importou em ter uma sílaba irregular, para mais ou para menos. De fato, Puṇḍarīka nos informa que o seu próprio texto foi intencionalmente escrito com pouca preocupação pelas regras da gramática de modo a destruir o orgulho daqueles apegados à forma perfeita, ao invés do significado⁶. Então, novamente, por ora, somos obrigados a manter Aja como o décimo primeiro Kalkī ao invés de Ajaya, indicado pelo tibetano rGyal-dka'.

⁶ *Vimalaprabhā*, manuscrito D, fólhos 21B-22^a, manuscrito E, fólho 17B:

तेषां च सुशब्दवादिनां सुशब्दग्रहविनाशाय
अर्थशरणतामाश्रित्य । एवं टीकायामपि
सुशब्दाभिमाननाशाय लिखितव्यं मयार्थशरण-
तामाश्रित्येति । ।

A seguir, então, a lista dos verdadeiros nomes em sânscrito dos Reis de Śambhala, tirados do Kālacakra Mūla Tantra perdido, o *Paramādibuddha*, como citado no *Vimalaprabhā* e uma primeira tradução em língua ocidental, disponibilizada aqui pela primeira vez:

Os Sete Dharma-rājas

De acordo com os manuscritos em sânscrito

1. (Su)candra – A Lua Auspiciosa
2. Sureśvara – Senhor dos Deuses
3. Tejī – Detentor do Esplendor
4. Somadatta – Presente da Lua
5. Sureśvara – Senhor dos Deuses
6. Viśvamūrti – Aquele cuja Forma é o Todo, isto é, o Universo
7. Sureśāna – Regente dos Deuses

Os Vinte e Cinco Kalkīs

De acordo com os manuscritos em sânscrito

1. Yaśas – Renome
2. Puṇḍarīka – Lótus Branco
3. Bhadra – Auspicioso
4. Vijaya – Vitória
5. Sumitra – Bom Amigo
6. Raktapāṇi – Aquele cuja Mão é Vermelha
7. Viṣṇugupta – Ocultado por Viṣṇu
8. Arkakīrti – Aquele cuja Fama é como a do Sol
9. Subhadra – Muito Auspicioso
10. Samudravijaya – Aquele cuja Vitória é Como o Oceano
11. Aja – Não Nascido (Tibetano: Não Conquistado)
12. Sūrya – O Sol
13. Viśvarūpa – Aquele cujo Corpo é o Todo, isto é, o Universo
14. Śaśiprabha – A Luz da Lua
15. Ananta – Infinito
16. Mahīpāla – Protetor da Terra
17. Śrīpāla – Protetor da Fortuna
18. Harivikrama – Aquele cuja Coragem é Como a de um Leão
19. Mahābala – Grande Força
20. Aniruddha – Desobstruído
21. Narasiṃha – Homem-Leão
22. Mahaeśvara – Grande Senhor
23. Anantavijaya – Vitória Infinita
24. Yaśas – Renome
25. Raudra – Feroz

ये परमादिबुद्धं न जानन्ति
ते नामसंगीतिं न जानन्ति
ये नामसंगीतिं न जानन्ति
ते वज्रधरज्ञानकायं न जानन्ति
ये वज्रधरज्ञानकायं न जानन्ति
ते मन्त्रयानं न जानन्ति
ये मन्त्रयानं न जानन्ति
ते संसारिणः सर्वे वज्रधरभगवतो मार्गरहिताः
एवं परमादिबुद्धं मोक्षार्थिभिः सच्छिष्यैः
श्रोतव्यं सद्गुरुणा देशयितव्यम्

*Aqueles que não conhecem Paramādibuddha
[o Kālacakra Mūla Tantra] não conhecem
o [Mañjuśrī-] Nāmasaṃgīti.
Eles que não conhecem o Nāmasaṃgīti
não conhecem o Corpo-Sabedoria (Jñānakāya) de Vajradhara.
Eles que não conhecem o Jñānakāya de Vajradhara,
não conhecem o Veículo do Mantra (Mantrayāna)
eles que não conhecem o Mantrayāna
estão todos no e são do saṃsāra, separados
do caminho do Bhagavān Vajradhara.
Portanto, o Paramādibuddha deve ser ouvido
pelos verdadeiros discípulos que se esforçam pela Libertação e
deve ser ensinado por um instrutor genuíno.*

Referências

A descriptive Catalogue of Sanskrit Manuscripts in the Government Collection, Under the care of the Asiatic Society of Bengal, vol. 1, *Buddhist Manuscripts*, por Hara Prasad Shāstri, Calcutá: 1917, pp. 73-82 [...]

Der Weg nach Śambhala, por Albert Grünwedel (ver nota 4 acima), pp. 74-75, contém nossos versos enumerados 1-2, 11-19 e metade do 20; *A Grammar of the Tibetan Language, in English*, Alexandrer Csoma de Körös, Calcutá: 1834, p.193, contém nossos versos 1-2.

Kālacakra-Tantra and other Texts, Part 1, editado por Taghy Vira e Lokesh Chandra, *Śatapiṭaka Series*, 69, Nova Déli: 1966, pp. 5-6.

Sekoddeśaṭīkā de Naḍapāda (Nāropā), editado por Mario E.Carelli, *Gaekwad's Oriental Series*,XC, Baroda: 1941, p.2

The Myth of Śambhala in Buddhist and Hindu Mythology, por Edwin Bernbaum. Tese não publicada. University of California, Berkeley: 1980.

The Religions of Tibet, por Helmut Hoffman, Nova Iorque: 1961, p.125.

Publicado em *Abhandlungen der Königlich Bayerischen Akademie der Wissenschaften*, 29, nº 3, Munique: 1915, ver pp. 74-78.

Tibetan Painted Scrolls, por Giuseppe Tucci, Roma: 1949, vol. 2, pp. 598-599.

Leituras Variantes

Ao editar os versos apresentados neste artigo, não levei em conta os provincianismos ortográficos, tais como as consoantes dobradas após “r”, a grafia “satva” para “sattva”, ou o intercâmbio entre “s” (dental) por “ś” (palatal), nem registrei essas leituras variantes, exceto incidentalmente. Também não levei em conta o uso de anusvāra⁷ para os cinco nasais e vice-versa. Entretanto, cabe notar que em todos os manuscritos Śambhala está escrito com o sibilante dental: Sambhala. Nos nomes, não mantive as escritas Arkakīrti (manuscritos D,F: Arkkakīrtti), Viśvamūrtti, Sūryya, etc, pelo mesmo motivo de não ter retido outras variações como sarvva, dharmma, pūrṇṇa, etc. Também desconsiderei omissões óbvias e repetições de letras, frequentes nos manuscritos C e D.

⁷ Nota do tradutor brasileiro: Diacrítico utilizado para marcar sons nasais.

Apêndice

Enviei uma cópia deste artigo para John Newman, atualmente na Índia, que vem pesquisando as primeiras tradições tibetanas do Kālacakra, conforme os escritos de Buston (1290-1364) e Khedrub (1385-1438)⁸, em conexão com a tradução da primeira parte do Kālacakra Tantra e do *Vimalaprabhā*. Ele gentilmente me enviou uma longa resposta com muitas informações, que resumo aqui:

Houve uma polêmica considerável sobre essa lista de Reis entre os primeiros estudiosos tibetanos a tratar de tal assunto. Havia alguns questionamentos se Raudra deveria ser incluído no grupo de vinte e cinco Kalkīs; isto é, se ele seria o vigésimo quinto Kalkī, ou se teria aparecido depois dos vinte e cinco Kalkīs, tornando-o o vigésimo sexto Kalkī. É relatado tanto por Kedrub (Dus 'Khor ṭik chen, em Yab srar gsuñ 'bum, Khedrub, vol. Kha, fólio 150, verso 6 e fólio 437, verso 6) e Buston (Rin chen gces pa'i lde mig, em *The Collected Works of Bu-ston*, Parte 4, fólio 55, verso 5) que “alguns” “lamas anteriores” (não nomeados) defendiam que o vigésimo quarto nome, Anantavijaya, deveria se referir a dois Kalkīs, Ananta e Vijaya, e que haveria vinte e seis Kalkīs no total.

Também é relatado que no caso das duas principais linhagens de transmissão do Kālacakra para o Tibete, Rwa [Ra] e 'Bro [Dro], a linhagem Rwa [Ra] contava Śrīpāla e Harivikrama como dois Kalkīs separados e a tradição 'Bro [Dro] contava Śrīpālaharivikrama como um sendo um Kalkī (*Ṭik chen*, 438/2-3; anotações de Buston, *Collected Works*, Parte 1, 353/3-4). Em relação a isso, Buston diz (lDe mig, 59/5-6), “Tornar os Kalkīs Śrīpāla, Hari e Vikrama num único Kalkī é inaceitável. Visto que Śrīpāla, Hari e Vikrama têm finais de casos diferentes nos manuscritos indianos, devendo-se aceitá-los como diferentes.” (rigs ldan dpal skyoñ/ señ ge/ nam rol [sic] rigs ldan gcic tu mdzad pa ni/ mi 'thad de/ dpal skyoñ dañ señ ge dañ rmam rol [sic] rnams rgya dpe las nam dbye that dad Du gsuñs pa'i phyir that dad du'thatd do). A tradição tibetana posterior seguiu Buston e contou três Kalkīs aqui, ao contrário dos dois Rwa [Ra] e um Bro[Dro].

Buston também relata a visão do Paṇḍit Vibhūticandra (lDe mig, 56/1; ver também *Ṭik Chen* de Khedrub, 151,/3): “Vibhūticandra diz que Harivikrama é um e Anantavijaya é um.

⁸ Nota do tradutor brasileiro: Importante expoente da escola Gelugpa, foi um dos principais discípulos de Tsongkhapa, que, por sua vez, é considerado o grande reformador do Budismo na visão teosófica, enfatizando apenas o cânone e as práticas idôneas do Dharma.

Então, distinguindo Yaśas e Raudra, ele afirma que há vinte e cinco (Kalkīs). Isso deve ser examinado.” (bi bhū ti tsandra na re/ señ ge rnam gnon gcig/ mtha’ yas rnam rgyal gic tu byas nas/ de nas grags pa dañ grag po that dad Du byas nas ñi sú rtsa lñar ’dod de/brtag go). Portanto, ao que parece, a posição de Vibhūticandra está de acordo com os achados deste artigo.

Buston e a tradição tibetana posterior não concordam em diferenciar Yaśas (o segundo) e Raudra, aparentemente devido a uma profecia no *Tanrottara* (Toh. Nº 363, Pek. Nº 5) em que Yaśas (o primeiro) diz que retornará oitocentos anos depois para destruir os bárbaros. Khedrub entende isto como o significado de que Raudra é o “retorno” (slar byon pa), isto é, Yaśas renascido. O importante meio-verso do *Tanrottara* é citado por Khedrub a partir de uma tradução diferente daquela encontrada na edição de Pequim do Kangyur. Khedrub cita (*Tik Chen*, 152/3-4): “de la bco brgyad ló yis rgya phrag bsgyur te brgya yis ’phags pa ’i yul gyu ma kha la sogs par// kla klo rnam kyi grags pa gañ dañ gañ zig mun can gyur pa de rnam bag gis druñs phyuñ ste.” O meio verso correspondente é encontrado na *Peking edition, Japanese reprint, volume 1*, página 180, fólio 3, versos 6-7.

Ademais, sobre a profecia mencionada acima, Khedrub pensa que os reinados de dois dos Kalkīs devem ser mais longos que cem anos (*Tik Chen*, 153). Ele acrescenta 82 anos ao reinado de Samudravijaya, totalizando 182 anos e 121 anos ao reinado de Aja, totalizando 221 anos. Esses dois reinados juntos somados chegam a 403 anos, um número que forma a base dos cálculos cronológicos encontrados no capítulo 1, verso 27, do Laghu Kālacakra Tantra. Buston, entretanto, pensava que Samudravijaya e Aja reinaram, cada um, por cem anos (IDe mig, 55/3).

Sobre Aja versus Ajaya, a forma Aja é confirmada por seu uso no comentário em prosa sobre o capítulo 1, verso 27, do Laghu Kālacakra Tantra. Entretanto, o significado “Não Conquistado” também é confirmado por uma tradução tibetana alternativa da linhagem Rwa [Ra], “ma-pham-pa” (anotações de Buston, *Collected Works*, Parte 1, 353/3).

Quanto à data de introdução dos ensinamentos Kālacakra na Índia, há evidências de que isto não tenha ocorrido até o início do século XI, ao invés da data mais aceita, em torno de 967. Ver *The Wheel of Time: the Kalachakra in Context*, por Geshe Sopa, Roger Jackson e John Newman, Deer Park Books, Madison, Wisconsin, 1985, página 65 e notas.

Finalmente, sobre Sureśvara como o segundo Dharmarāja sendo traduzido como Lha-dbañ e como o quinto, Lha-dbañ-phyug: É possível que Lha-dbañ no primeiro caso tenha sido escolhido como abreviatura de Lha-yi-dbañ-po, a tradução de Sureśa no capítulo 1, verso 156, do Laghu Kālacakra Tantra, em que Sureśa é a forma usada para o filho de Sucandra, Sureśvara, o segundo Dharmarāja. Ou, novamente, poderia ter ocorrido por mera exigência da métrica tibetana (por qualquer motivo que isso tenha sido feito, ainda obscurece o fato de que os nomes traduzidos são idênticos em sânscrito).

[Texto originalmente publicado em fevereiro de 1986, em *Kālacakra Research Publications*, por David Reigle e disponibilizado atualmente pelo próprio autor no site do *Eastern Tradition Research Institute (easterntertradition.org)*. Traduzido para o português, com permissão do autor, para a seção em português do referido site por Bruno Carlucci em julho de 2016. Para maiores detalhes quanto às referências utilizadas por Reigle em sua pesquisa, consultar o texto em inglês.]